



Opinião Econômica

Lorena Hakak

Doutora em economia e professora da FGV. Atua como presidente da GeFam (Sociedade de Economia da Família e do Gênero)

banrisul

Misoginia e violência: o que está acontecendo com nossos jovens?

A violência sexual pode funcionar como instrumento de subjugação de mulheres?

Letícia (nome fictício) foi convidada por um colega de escola para ir a um apartamento com ele. Segundo seu relato, os dois já haviam mantido um relacionamento. O que seria um encontro entre duas pessoas se transformou em violência quando quatro amigos do rapaz chegaram ao local enquanto ela mantinha relações sexuais com ele. O episódio terminou em um estupro coletivo. Os jovens acusados têm entre 18 e 19 anos. Segundo reportagem da Folha, o caso ocorreu no dia 31 de janeiro de 2026, em Copacabana, no Rio de Janeiro.

Diante de episódios como esse, é inevitável perguntar: o que leva jovens e adolescentes a cometer esse tipo de crime? Que ideias sustentam tal comportamento?

A violência sexual pode funcionar como instrumento de subjugação de mulheres? As perguntas são muitas e as respostas longe de simples.

A adolescência e o início da vida adulta configuram uma etapa de transição marcada por profundas transformações. Nesse período, a formação do caráter é influenciada por múltiplos agentes de socialização, como a família, os amigos e os professores, bem como pelos discursos aos quais os jovens estão expostos. Ao mesmo tempo, eles buscam reconhecimento e pertencimento entre seus pares, em interações que ocorrem tanto no ambiente presencial quanto no virtual.

Segundo o artigo “Taught to Hate, Longing to Belong: Misogyny

and the Making of Masculinity in Adolescence” (Ensinados a odiar, ansiando por pertencer: Misoginia e a construção da masculinidade na adolescência), de Afarin Rajaei, Chantal Hanna e Shakiba Jonaghani, a masculinidade, durante a adolescência, é construída a partir da internalização de narrativas culturais, das experiências de socialização e da influência cada vez mais presente dos ambientes digitais.

Além disso, a combinação entre misoginia e a relativização da violência de gênero pode favorecer o desenvolvimento de uma identidade masculina “tóxica”, levando jovens a adotar comportamentos violentos e agressivos contra mulheres. Assim, ambientes que distorcem o conceito de masculinidade e o associem à dominação, ao

controle e à agressão feminina podem contribuir para esse fenômeno. Essas atitudes se manifestam em comentários como “mulheres não deveriam usar roupas decotadas”, na desqualificação de vítimas de estupro, seja no mundo real ou no virtual, ou, em casos mais extremos, no recurso à violência física.

Independentemente da motivação, a violência contra as mulheres deve ser punida com rigor pela lei. No entanto, como sociedade, precisamos refletir sobre formas de prevenir esses comportamentos. Os pais devem manter um canal aberto de diálogo com seus filhos e estar atentos a mudanças de comportamento. Além disso, o enfrentamento precisa ser integrado, envolvendo médicos, psicólo-

gos, educadores e formuladores de políticas públicas.

As escolas podem promover o letramento digital e a inteligência emocional, preparando adolescentes para enfrentar narrativas misóginas e para aprender a navegar pelas redes de forma crítica. Também podem oferecer cursos de letramento digital para pais e cuidadores, além de orientações sobre como dialogar com seus filhos, a fim de prepará-los para enfrentar esse desafio.

Paralelamente, políticas públicas podem ser criadas para regular conteúdos digitais e exigir maior responsabilidade das plataformas, especialmente quando seus algoritmos incentivam determinadas ideologias e reforçam o isolamento emocional. Além disso, é possível apoiar iniciativas voltadas à capacitação de educadores e profissionais de saúde mental para que identifiquem e lidem com indícios de radicalização digital e isolamento emocional entre adolescentes. O caminho é difícil, mas precisamos enfrentá-lo o quanto antes.

Taxa única:
o upgrade que sua conversão precisava.

Banri Global Account com IOF e Spread unificados é mais dinheiro na conversão da moeda.

USD • EUR • GBP • CAD • AUD

Conflito no Oriente Médio aumenta risco de alta no preço da gasolina no Rio Grande do Sul

/ COMBUSTÍVEIS

Marina Mugnol
marinam@jcrs.com.br

O fechamento do Estreito de Ormuz, rota de 20% do petróleo comercializado no mundo, decorrente da escalada do conflito no Oriente Médio, tem provocado forte instabilidade no mercado internacional de petróleo, o que acende um sinal de alerta para o consumidor do Rio Grande do Sul.

Embora não haja risco imediato de desabastecimento, o cenário pode resultar no aumento do preço da gasolina no País e no Rio Grande do Sul, avalia o economista e professor doutor adjunto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs), Gustavo Inacio de Moraes.

Segundo o economista, a combinação entre a alta nas cotações do petróleo e a desvalorização do real frente ao dólar

afeta diretamente o mercado de combustíveis no Brasil, uma vez que os preços internacionais ditam a política adotada pela Petrobras.

De acordo com o especialista, refinarias brasileiras atuam com estoques suficientes para operar por mais algum tempo, em caso de a guerra entre os Estados Unidos e o Irã ultrapassar a média de quatro a cinco semanas sinalizada pelo presidente norte-americano, Donald Trump.

“De imediato, não se pode falar em risco de desabastecimento. Mas tudo depende da extensão do conflito. Se ele se prolongar por meses, aí sim poderemos ter um cenário mais delicado”, explica Moraes.

Ele ainda destaca que a Petrobras pode ou não repassar o aumento do preço para os varejistas, mas que isso, inevitavelmente, reflete no bolso da população.

“Se a Petrobras repassar os preços, o povo paga por uma ga-

solina mais cara, se não repassar, isso diminui o lucro da empresa, que por ser uma sociedade de economia mista de capital, está diretamente ligada à economia geral do País”, complementa.

No caso do Rio Grande do Sul, o impacto pode ser ainda mais perceptível. Historicamente, o Estado registra aumentos mais intensos em momentos de alta, embora também se beneficie quando há recuos nos preços.

Entre os fatores que explicam essa dinâmica estão a estrutura de concorrência entre postos, a alíquota de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) e, principalmente, os custos logísticos.

“O transporte até as refinarias e a distribuição interna no Estado têm custo maior. Esse componente logístico acaba encarecendo a gasolina para o consumidor gaúcho”, conclui o economista.

Segundo o Sindicato Inter-municipal do Comércio Varejista



TÂNIA MEINERZ/C

Economista diz que Estado tem aumentos mais fortes em momentos de alta

de Combustíveis e Lubrificantes no Estado do Rio Grande do Sul (Sulpetro), neste momento, não há indicativos de falta de combustível no Estado.

A reportagem do Jornal do

Comércio também tentou contato com o Sindicato das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e do Estado do Rio Grande do Sul (Sindisul), mas não obteve resposta até o fechamento.